



## REESTRUTURAÇÃO DO ESPAÇO ESCOLAR E SUAS IMPLICAÇÕES NO TRABALHO DOCENTE, A PARTIR DA VIVÊNCIA NO PIBID UEFS

### *RESTRUCTURING THE SCHOOL SPACE AND ITS IMPLICATIONS FOR TEACHING WORK, BASED ON EXPERIENCE IN THE PIBID UEFS PROGRAM.*

Ediberto Ferreira de Almeida. Professor da Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA). Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
euediberto@gmail.com

Denize Pereira de Azevedo Freitas. Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Doutora em Educação Física pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
dpafreitas@uefs.br

Fernanda Merceis Silva. Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
nanda800outlook@gmail.com.

Giovanna dos Santos Viana. Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
giovannaviana2008@gmail.com.

Mariana Ferreira dos Santos Sales. Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
marianasalesfsa@gmail.com

Raquel Marques de Jesus. Acadêmica do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).  
marques.rachel25@gmail.com

#### **RESUMO**

O presente relato de experiência busca apresentar os impactos, desafios e mudanças na organização do trabalho pedagógico do professor de educação física e da dinâmica organização da rotina escolar em um colégio em período de reforma na infraestrutura durante o ano letivo. O processo se deu em uma escola

#### **ABSTRACT**

*This experience report aims to present the impacts, challenges, and changes in the organization of the pedagogical work of the physical education teacher and the dynamics of the school routine in a school undergoing infrastructure renovations during the school year. The process took place in a school in the Bahia State Network, in the*

da Rede Estadual da Bahia, do município de Feira de Santana, onde, como bolsistas de iniciação à docência (PIBID), realizamos observações, co-participações, regências, entrevistas e construção de diário de bordo entre fevereiro e agosto de 2025. Embora a reforma tenha sido necessária, conseguimos observar seus impactos na organização e efetivação do conteúdo programado, nas formas de ensino e nos métodos avaliativos propostos pelo professor e nas atividades gerais promovidas na escola. A realidade atípica demandou diversas adaptações por parte da gestão, professores e dos bolsistas pibidianos, como o sistema de rodízio de turmas, para garantir que aprendizagem dos/das estudantes não fosse tão prejudicada em uma experiência extremamente desafiadora.

**Palavras-chave:** organização do trabalho pedagógico; educação física; reforma; bolsista id; infraestrutura.

*municipality of Feira de Santana, where, as undergraduate teaching scholarship holders (PIBID), we carried out observations, co-participations, teaching practice, interviews, and the construction of a logbook between February and August 2025. Although the renovation was necessary, we were able to observe its impacts on the organization and implementation of the programmed content, on the teaching methods and evaluation methods proposed by the teacher, and on the general activities promoted at the school. The atypical reality demanded several adaptations on the part of the management, teachers, and PIBID scholarship holders, such as the class rotation system, to ensure that student learning was not so negatively impacted in an extremely challenging experience.*

**Keywords:** organization of pedagogical work; physical education; reform; scholarship holder; infrastructure.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência descreve a realidade encontrada no Colégio Estadual Juiz Jorge de Faria Góes (CEJJFG) localizado no bairro São João, município de Feira de Santana - BA, a partir da observação, co-participação e regência dos bolsistas ID, do subprojeto de Educação Física, do período de fevereiro a julho de 2025. O referido colégio está em processo de reforma desde o início de 2025, o que ocasionou uma série de mudanças na dinâmica organizacional do planejamento do trabalho docente e na rotina escolar como um todo, exigindo adaptações metodológicas às novas condições. Essa conjuntura nos motivou a relatar a experiência vivenciada.

De acordo com Saviani (2011), o trabalho educativo é um ato intencional e direto, voltado à humanização de jovens e adultos por meio do acesso à cultura

produzida histórica e coletivamente pela humanidade. Ainda segundo o autor, o trabalho docente busca identificar os elementos culturais a serem assimilados, bem como as formas mais adequadas de garantir tal assimilação. Nesse sentido, a seleção de conteúdos, métodos, objetivos e formas de avaliação compõem a organização do trabalho pedagógico (Freitas, 1995).

A estrutura escolar exerce influência significativa sobre o processo de ensino-aprendizagem e sobre a organização do trabalho docente, especialmente no caso das aulas de Educação Física. De acordo com o Anuário Brasileiro da Educação Básica, apenas 36,2% das escolas públicas brasileiras possuíam quadras poliesportivas em 2023. Se ampliarmos a análise para quadras cobertas e salas específicas para modalidades como jogos, dança, lutas e ginástica, os números se mostram ainda mais preocupantes.

Segundo Jacomini e Penna (2016 *apud* Cupertino *et al.*, 2024), a realidade da infraestrutura escolar envolve tanto aspectos arquitetônicos, térmicos e luminosos quanto construções históricas, sociais e culturais. Nesse contexto, o trabalho docente é de extrema relevância para o processo de ensino-aprendizagem, devendo considerar a realidade concreta e desenvolver estratégias adaptativas diante das condições existentes.

No que se refere à saúde do trabalhador, Cupertino *et al.* (2024) apresentam o estudos de Medeiros (2022) e de Cunha *et al.* (2024), que destacam que a qualidade de vida pode ser comprometida por adoecimentos físicos e mentais, incluindo riscos como o câncer de pele decorrente da exposição solar prolongada e frequente. Considerando que a quadra escolar é um dos principais espaços de atuação do professor de Educação Física, a ausência de infraestrutura adequada ainda reforça a visão de inferiorização dessa disciplina, como argumentam Machado *et al.* (2010), Figueiredo *et al.* (2008) e Basso (1998 *apud* Coutinho; Souza, 2023).

O Colégio Estadual Juiz Jorge de Faria Góes, nos últimos dez anos, consolidou-se como referência na Bahia no ensino integral, tornando-se um espaço diferenciado no universo educacional, com um ambiente acolhedor e de forte formação identitária, a ponto de ser reconhecido pelos estudantes como a “melhor escola da galáxia”. Contudo, a estrutura física da escola permaneceu praticamente a mesma desde sua construção, em 1992. O próprio Projeto Político-Pedagógico já

apontava a necessidade urgente de readequação estrutural, especialmente para assegurar a qualidade do ensino integral.

Nos últimos anos, houve diversas promessas de reforma por parte do poder público, mas que só se efetivaram em 2025. Ainda assim, a reforma só teve início no mês de maio, com o ano letivo já em andamento. Apesar de representar melhorias futuras para alunos e professores de diversas disciplinas, a reformulação ou cobertura da quadra não está inclusa na normativa da reforma, o que gera desânimo a nós docentes da área da Educação Física. A quadra existente no colégio Juiz Jorge não possui cobertura adequada, contando com apenas uma rede na parte superior, suficiente apenas para a bola não sair do espaço, deixando-nos à mercê do sol escaldante ao longo do dia.

Ademais, Silva e Ciasca (2020) ressaltam que, embora a infraestrutura escolar seja um fator relevante para o aprendizado, ela não é o único determinante da qualidade da educação. Para os autores, a crença de que apenas melhorias estruturais resolveriam os problemas escolares é um equívoco. O impacto efetivo depende de ações articuladas em múltiplas áreas. Ainda assim, é importante destacar que a infraestrutura exerce papel fundamental na qualidade educacional, pois a escola é um espaço de aprendizagem social.

No que diz respeito à organização do trabalho docente, evidenciou-se a necessidade de adaptações constantes, incluindo planos de aula construídos coletivamente, caracterizados pela flexibilidade e pela mutabilidade. Esses elementos são fundamentais para um planejamento funcional e coerente com a realidade. Nessa perspectiva, Nicolau (2015), ao citar José Carlos Libâneo, enfatiza que a racionalização, articulada à organização, constitui um princípio estruturante do trabalho pedagógico. Além disso, como sujeitos sociais que moldam e são moldados pela prática, os professores não podem dissociar suas ações educativas das consequências sociais que elas produzem.

Portanto, o presente texto tem como objetivo relatar os impactos da reforma na infraestrutura escolar sobre a organização do planejamento pedagógico dos docentes e sobre a intervenção dos bolsistas ID do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durante o período letivo.

## 2 METODOLOGIA

O percurso metodológico deste relato ocorreu no Colégio Estadual Juiz Jorge de Faria Góes, a partir da observação do cotidiano escolar realizada pelos bolsistas ID, sob a orientação do professor supervisor da unidade escolar e da professora coordenadora do núcleo. Estando semanalmente inseridos na dinâmica entre estudantes e professores, desde o início da reforma até o momento presente, foi possível acompanhar de forma sistemática os impactos desse processo no ambiente escolar.

Iniciamos o processo de observação durante a jornada pedagógica, em fevereiro, quando obtivemos uma visão ampla do planejamento docente para cada ciclo/série, bem como da organização das atividades pedagógicas e projetos previstos para o ano letivo. Entre eles, destacam-se: projetos estruturantes, torneios e jogos escolares, simulado, desafio acadêmico, portfólios, gincana, festa junina, feira literária, semana de leitura, novembro negro, saídas pedagógicas, memorial e formatura.

Naquele momento, a escola vivia sob a constante expectativa da reforma, prevista para iniciar em janeiro, mas que poderia ser deflagrada a qualquer instante, comprometendo o planejamento realizado na jornada pedagógica. O ano letivo começou em um contexto de limitação estrutural: a unidade não possuía salas suficientes para acomodar as 16 (dezesesseis) turmas e cerca de 560 (quinhentos e sessenta) alunos, o que demandou a adoção de rodízio, acolhendo apenas 12 (doze) classes por dia.

Foi nesse cenário que se desenvolveu nosso processo de observação das aulas e das atividades escolares em geral, tais como: jornada pedagógica, atividades de classe (AC), reuniões, conselhos de classe e oficinas esportivas. Constatamos alterações significativas na rotina escolar, resultantes tanto da reestruturação física quanto da reorganização do processo ensino-aprendizagem. Nossa observação e coparticipação nas aulas ocorreram de forma ordenada, acompanhando semanalmente as mesmas turmas. No entanto, com o início efetivo da reforma, houve intensificação do rodízio, reduzindo a presença diária para apenas quatro turmas, todas concentradas no primeiro pavilhão, o que ocasionou encontros mais espaçados, em alguns casos limitados a duas aulas mensais.

O Colégio Juiz Jorge se destaca por ser uma das poucas escolas de educação integral de 9 (nove) horas na Bahia, característica que amplia a carga horária de diversas disciplinas e permite a integração entre componentes da base comum e da parte diversificada do currículo. Nesse contexto, além da disciplina de Educação Física, a escola oferta também a disciplina Educação Desportiva, que, embora centrada no ensino do esporte, abrange também conteúdos como jogos, danças, lutas e ginástica, garantindo uma formação mais ampla. Essa carga horária ampliada favorece a presença de mais professores de Educação Física na escola, ampliando as possibilidades pedagógicas.

Dessa forma, levantamos os conteúdos organizados no I e II ciclos nas séries trabalhadas pelo professor regente, que também é supervisor do PIBID, a saber: 8º ano do ensino fundamental com Educação Física (duas aulas por semana); 2º ano do ensino médio com educação desportiva (três aulas por semana) e 3º ano do ensino médio com educação física e educação desportiva (uma e três aulas semanais, respectivamente).

Série: 8º ano

Componente: Educação Física

- o I Ciclo: a) Jogos x esporte; b) Esportes de invasão (Introdução e fundamentos do futebol/Futsal); c) Jogos populares.
- o II Ciclo: a) Esportes de invasão (elementos táticos); b) Fundamentos do basquete; c) Jogos de tabuleiro.

Componente: Educação Desportiva

- o I Ciclo: a) Classificação dos esportes: Atletismo (Noções gerais); b) Olimpíadas/ parolimpíadas; c) Corridas arremesso e lançamento/ maratona e triatlo; d) Atletismo adaptado.
- o II Ciclo: Dança, ritmo e movimento; Criação de coreografia com elementos da dança e ginástica; Danças urbanas: *hip hop* (origem, características, *break*, *rap*, grafiteismo).

Série: 2º ano

Componente: Educação Física

- o I Ciclo: a) Esportes de invasão (*Rugby*, *Frisbee*, hóquei); b) Tecnologia nos esportes; c) Jogos de tabuleiro (xadrez/dama, mais).

- o II Ciclo: a) Ginástica alternativa; b) Culto ao Corpo e Distúrbios alimentares; c) Testes antropométricos.

Componente: Educação Desportiva

- o I Ciclo: a) Esportes de rede e parede de rebote (vôlei, tênis de mesa, tênis, peteca...); b) Esporte e mídia.
- o II Ciclo: a) Atletismo/Esportes de marca; b) Sistema muscular e lesões no esporte; c) Suplementos e anabolizantes.

Série: 3º ano

Componente: Educação Física

- o I Ciclo: a) Conceito de esporte; b) História do esporte; c) História do esporte na Bahia; d) Indústria do esporte.
- o II Ciclo: a) Discriminação e violência no esporte; b) Esporte espetáculo e de alto rendimento (megaeventos esportivos); c) Esporte como aparato ideológico; d) *Doping* no esporte.

Componente: Educação Desportiva

- o I Ciclo: a) Mulheres no esporte; b) Fundamentos básicos do Basquete.
- o II Ciclo: a) Esportes não olímpicos (*basebol-softbol*, sinuca, boliche, xadrez, críquete, polo).

Os professores de Educação Física da escola costumam selecionar vários conteúdos para cada série/ciclo, levando em consideração as necessidades dos estudantes, a realidade de estrutura e de materiais da unidade escolar e as possibilidades de flexibilização dos conteúdos dentro das adversidades da escola pública. Aqui, é possível fazer um paralelo com a noção de clássico presente em Saviani (2011), quando o mesmo aborda a identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados. Para o autor, o clássico é aquilo que se firmou como fundamental, como essencial, e, portanto, é critério útil para a seleção dos conteúdos do trabalho pedagógico. Na Educação Física, podemos afirmar que os conteúdos clássicos se expressam por meio dos jogos, ginástica, esportes, lutas e dança (Coletivo de Autores, 2012).

A partir desse levantamento e do contato com a escola por meio da observação, co-participação e regência nas aulas de Educação Física e Educação Desportiva, além de entrevistas com o professor regente, gestão escolar e

estudantes e construção de diário de bordo, conseguimos observar os impactos da reforma na organização e efetivação do conteúdo programado, nas formas de ensino e nos métodos avaliativos propostos pelo professor. Foi possível também observar mudanças nas atividades gerais promovidas na escola. Portanto, esse processo de reorganização pedagógica exigiu maior trabalho, tornando ainda mais exaustiva a rotina de todos os envolvidos com o colégio. Ademais, dificultou também o nosso processo de adaptação com as turmas que “deveriam” ser fixas.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Obtivemos como resultado uma experiência desafiante, enfrentada na reorganização pedagógica docente: fomos convocados a rever a nossa proposta de intervenção para que se adaptasse ao cenário novo, um desgaste que poderia ser evitado se a reforma começasse no período ideal, nas férias.

A reforma é uma medida fundamental, mas o fato de ter começado ao longo do período letivo impactou muito a organização do trabalho pedagógico; portanto, a alternativa criada foi realizar um rodízio de turmas (que consiste em somente séries e turmas específicas irem em dada semana ou dia para o colégio) em aulas presenciais, juntamente com o ensino remoto, por meio do envio de atividades assíncronas. Foi uma medida necessária para que os estudantes não ficassem muito tempo longe da escola e tivessem algum contato com os conteúdos em casa.

Os conteúdos que eram abordados pelo professor regente foram reduzidos, pois o que era trabalhado em dois ou três encontros semanais com as turmas passaram a ser dois ou três encontros mensais. No 8º ano, por exemplo, foram trabalhados, de forma inicial, somente os conteúdos de “jogos populares” e “basquete”. Nas turmas de 2º ano, não foi possível aprofundar o tema “esporte e mídia” durante o primeiro ciclo, e o segundo ciclo ficou restrito ao ensino do atletismo. Já nas turmas de 3º ano, os conteúdos mais abordados foram “mulheres no esporte”, “*frisbee*” e “*doping* no esporte”.

As atividades remotas passaram a ser elementos introdutórios para as aulas presenciais, pois, diante da dificuldade dos estudantes estudarem em casa, nem o professor, tampouco nós bolsistas ID, pudemos enviar atividades muito complexas.

Sendo assim, os estudantes realizam as atividades que são corrigidas e aprofundadas em sala de aula pelo professor.

O planejamento então passou a ser realizado semanalmente, tendo em vista que a cada semana encontrávamos turmas diferentes e em estágios diferentes de aprofundamento do conteúdo. Foi necessário reduzir também as aulas na quadra para contemplar os conteúdos e a correção das atividades remotas. As avaliações e os recursos didáticos também foram reorganizados, diminuindo a quantidade e a diversidade. A alternativa foi pontuar as atividades remotas e criar mais atividades avaliativas que pudessem ser feitas em casa e, posteriormente, entregues ao professor para otimizar o tempo das aulas presenciais.

No que tange à organização das atividades gerais promovidas pela escola, podemos perceber os impactos na realização da gincana que aconteceria em maio, mas, por conta da impossibilidade de concentrar todos os estudantes no colégio, teve de ser adiada, e, até o presente momento, não tem previsão para acontecer. O simulado também foi impactado, tendo que ocorrer de forma *on-line*, via plataforma *plurall*, para todas as turmas. Ademais, observamos mudanças no processo de regência dos estágios que ocorrem na escola, na realização de oficinas e na organização de atividades que são partes fundamentais da identidade do Colégio Juiz Jorge, como a semana de leitura, a Feira Literária (FLIFARIA), o novembro negro e as assembleias de turma.

Em relação aos pais e responsáveis, nem todos lidaram bem com o cenário, o que é totalmente compreensível, inclusive com reclamações contra a escola junto à Secretaria de Educação e à gestão do Juiz Jorge fundamentadas na falta de aulas presenciais, já que tal situação acarretou mais tempo dos alunos em suas casas ou em espaços públicos, solicitando que as aulas acontecessem mesmo que não houvesse salas suficientes para sua execução (como ilustrado nas Figuras 01 e 02, abaixo). Essa insatisfação demonstrou que, infelizmente, houve uma responsabilização da gestão escolar diante de um cenário que ela não poderia evitar, pois era imposto pelo Governo do Estado.

**Figura 1:** Sala de aula em reforma no pavilhão 2



**Fonte:** Acervo pessoal dos autores.

**Figura 2:** Outra sala de aula em reforma no pavilhão 2



**Fonte:** Acervo pessoal dos autores.

Todavia, ao analisar o Projeto Político-Pedagógico (PPP), encontramos que os pais já haviam sinalizado a importância dessa reestruturação física, “[...] alguns pais apontaram necessidade de melhoria: reforma do prédio; adequação do espaço físico para a modalidade integral; construção de mais espaços de convivência; construção de uma nova quadra poliesportiva” (CEJJFG, 2020, p. 23). Contudo, consideramos que a efetivação da solicitação não chegou em momento oportuno.

Os estudantes também se sentiram prejudicados tanto pela diminuição das aulas presenciais, quanto pela socialização com outros colegas que a escola

proporciona, mas foram compreensíveis quanto ao problema e avaliaram positivamente as medidas da escola. Não obstante, devido à relação complexa de muitos estudantes com o ambiente escolar, alguns alunos demonstraram gostar de passar um maior período em casa.

Identificamos que o empenho da equipe pedagógica (bolsistas ID, professor e gestão escolar) para que os estudantes fossem prejudicados da menor forma possível foi imprescindível nesse cenário atípico; ademais, gerou tensões (e ainda tem gerado, pois a reforma não foi concluída) entre todos os envolvidos no âmbito escolar. As aulas de Educação Física que eram realizadas na quadra foram reduzidas, e algo que nos entristece é que o colégio não foi contemplado com a reformulação ou, ao menos, cobertura da quadra – o que significa mais dias embaixo do sol, gerando desgastes físicos e psicológicos, como tratam Satyro e Soares (2007 *apud* Silva; Ciasca, 2020, p. 5), quando afirmam que

A infraestrutura escolar pode exercer influência significativa sobre a qualidade da educação. Prédios e instalações adequadas, existência de biblioteca escolar, espaços esportivos e laboratórios, acesso a livros didáticos, materiais de leitura e pedagógicos, relação adequada entre o número de alunos e o professor na sala de aula e maior tempo efetivo de aula, por exemplo, possivelmente melhorem o desempenho dos alunos.

Nesse sentido, é fundamental a reivindicação por uma estrutura escolar adequada, que potencialize o processo de ensino-aprendizagem de estudantes e melhore as condições de trabalho dos professores e professoras. Contudo, apesar de essencial para a melhoria do ambiente escolar, a reforma do Colégio Estadual Juiz Jorge Faria Góes poderia ter iniciado antes do ano letivo começar, evitando assim os transtornos e mudanças na organização escolar e no trabalho docente causados pela obra.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Consideramos que esse processo desafiador nos convocou a vivenciar uma realidade atípica, mas não muito incomum da educação pública, sendo confrontados a rever nosso planejamento de intervenção e presenciando o

professor fazer o mesmo para que o desenvolvimento das atividades fosse cumprido e o rendimento dos alunos não ficasse totalmente comprometido.

A experiência que foi vivenciada afirmou que a reorganização do espaço escolar constitui não apenas uma necessidade organizacional, mas um procedimento que pode impactar de forma direta o trabalho docente e, por consequência, a aprendizagem dos discentes. As adequações demandaram da gestão, do professor e dos bolsistas Pibidianos um método mais flexível e uma capacidade de planejamento sensível para lidar com os desafios resultantes de contextos educacionais mais atípicos.

Nesse sentido, os impactos da reforma puderam ser vistos nos conteúdos, espaço, tempo, avaliação e procedimentos dos professores e da escola como um todo, aspectos fundamentais para a realização adequada do trabalho pedagógico, segundo Saviani (2011). É fundamental dar atenção ao tempo pedagogicamente necessário para que a aprendizagem se efetive, observando o ritmo de aprendizagem da turma, para definir, por exemplo, o número determinado de aulas para tratar de um assunto (Coletivo de Autores, 2012).

Portanto, nós, bolsistas ID, identificamos como *sine qua non* a experiência de estar nesse espaço escolar formativo durante as adversidades aqui apresentadas, pois são situações como essas que podemos enfrentar no decorrer da nossa atuação docente. Esperançamos que a conclusão da reforma seja em breve.

## REFERÊNCIAS

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COUTINHO, Taís Miranda Cardoso; SOUZA, Suzana Alves Nogueira. Organização do trabalho pedagógico dos professores de Educação Física: um olhar pelos caminhos percorridos em uma Escola Pública Estadual de Feira de Santana – Bahia. **Revista inCORPORArÇÃO**, V.1, nº 01, 2023, Feira de Santana, p. 16-38. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/article/view/9597>. Acesso em: 19 ago. 2025.

CUPERTINO, Jaykyson Crisóstomo; SANTOS, Doiara Silva dos; PAIXÃO, Jairo Antônio da. Infraestrutura escolar e condições de trabalho docente: percepções de

professores de Educação Física da cidade de Viçosa, Minas Gerais. **Revista Ponto de Vista**. ISSN: 1983-2656, Vol. 13 – n. 3 – 2024 1. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.47328/rpv.v13i3.19106>. Acesso em: 18 ago. 2025.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino dos Esportes Coletivos**. Vitória: UFES, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

NICOLAU, Adriane. **Planejamento no Ambiente Escolar**. 2015. (45 f.). TCC (Curso de Especialização em Gestão Escolar) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151583?show=full>. Acesso em: 21 ago. 2025.

PASQUALINI, JC. Três teses histórico-críticas sobre o currículo escolar. **Educ Pesqui [Internet]**. 2019;45:e214167. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201945214167>. Acesso em: 19 ago. 2025.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima. Estrutura física escolar como fator determinante da qualidade na educação em escolas profissionais do Ceará: entre a realidade e o mito\_. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 7, p. e642974634, 2020. Disponível em: DOI: 10.33448/rsd-v9i7.4634. Acesso em: 20 ago. 2025.